

GRIOTS E TECNOLOGIAS DIGITAIS

Organização: THIANE NEVES BARROS E TARCÍZIO SILVA



GRIOTS E TECNOLOGIAS DIGITAIS

Organização:

Thiane Neves Barros

Tarcizio Silva

Editora

ibpad

1ª Edição

Brasil
2023

GRIOTS E TECNOLOGIAS DIGITAIS

Catharina Marques
Charô Nunes
Dulcilei da Conceição Lima
Elizandra Salomão
Larissa Santiago
Leila Lima de Sousa
Mariana Gomes da Silva Soares
Michelly Santos de Carvalho
Nelza Jaqueline Siqueira Franco
Pâmela Guimarães-Silva
Paulo Victor Purificação Melo
Pedro Diogo Carvalho Monteiro
Taís Oliveira
Tarcizio Silva
Thiane Neves Barros
Viviane Gomes
Zelinda Barros

ibpad

DESVELAR

Griots e tecnologias digitais

Organização

Thiane Neves Barros
Tarcizio Silva

Projeto gráfico, capa e diagramação

Juliana Vieira

Revisão

Instituto Sumaúma
Thiane Neves Barros
Tarcizio Silva

Produção

Desvelar

Apoio

IBPAD

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Griots e tecnologias digitais [livro eletrônico] /
organização Thiane Neves Barros, Tarcizio
Silva. -- 1. ed. -- Brasília, DF : Instituto
Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados -
IBPAD : Desvelar, 2023.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-89307-01-3

1. Ancestralidade 2. Ciências sociais
3. Decolonialidade 4. Governança da internet
5. Identidade afro-brasileira 6. Tecnologias
digitais I. Barros, Thiane Neves. II. Silva,
Tarcizio.

23-158065

CDD-303.33

Índices para catálogo sistemático:

1. Tecnologias digitais : Controle social :
Sociologia 303.33



Capítulo 03

Nelza Jaqueline Siqueira Franco

Mãe do Érick, filha da Idalina e do João, pedrito-viamonense, professora de Educação Básica da Rede Municipal de Porto Alegre/RS com atuação nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Informática Educativa e ministrante das disciplinas de Direitos Humanos e Educação para as Relações Étnico-Raciais no curso de Magistério de nível médio (Educação Profissional). Mestra em Educação/UFRGS. Especialista em Mídias na Educação e em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA - UFRGS, Licenciada em Computação pela UNIFEEVALE.

Ciberquilombismo – o quilombismo de Abdias Nascimento e sua atualização na cibercultura

Nelza Jaqueline Siqueira Franco

Na contemporaneidade, é possível verificar a amplificação de diversos elementos na cibercultura, produzidos por nós (pessoas negras), trazendo a questão afro-brasileira e africana para evidência, resgatando e positivando nossa cultura, história e saberes. Assim como, denunciando as desigualdades, os crimes contra a nossa população e formando redes para o enfrentamento de nossas problemáticas, advindas do racismo estrutural das sociedades ocidentais e, em específico, da nossa sociedade brasileira. O papel de resistência que através das mídias digitais é possível exercer vai ao encontro do que Abdias Nascimento (2002) pontua em sua obra *O Quilombismo*.

Às diferentes manifestações espalhadas pelo ciberespaço que tem essa potência de tratamento da questão negra nomeio, nesta escrita, como Ciberquilombismo que concebo como espaços de organização negra, no ambiente digital em rede de afirmação, de (re)existência, resistência, denúncia, articulações para pautar as demandas do povo negro. Ademais, o formato que as diversas maneiras de comunicação digital propiciam à/o receptor/a não somente consumir, mas poder contestar ou complementar uma informação ou até mesmo elaborar a sua e disseminar este conteúdo que contempla o seu saber local, a escrita de si e da sua comunidade, faz com que as mídias sociais se constituam num elemento decolonial e que educa.

Neste capítulo apresento algumas manifestações que ocorrem nas mídias sociais de perfis digitais que tratam da questão racial negra com os princípios do quilombismo de Abdias Nascimento, com o objetivo de analisar brevemente a ocorrência de discursos de afirmação, de (re)existência, resistência, denúncia e articulações para pautar as demandas do povo negro.

O Quilombismo

Abdias Nascimento, nascido em 1914, na cidade de Franca/SP e falecido no ano de 2011, foi grande intelectual negro, militante, ativista, artista, deputado estadual e senador da república, fundador, entre outras coisas, do Teatro Experimental do Negro, em 1944, organização esta que revolucionou e demarcou um papel de sujeito para o negro

na dramaturgia brasileira. Em 1980 publicou a obra *O Quilombismo* no qual concebe o termo que vai então nomear este seu livro e que tem como definição ser um “complexo de significações” das ações do povo afro-brasileiro, nas palavras do próprio autor, “única unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história” (NASCIMENTO, A., 2002, p.338).

Neste livro, Abdias enumera os tratamentos discriminatórios que são dados à população negra no país, resgatando lembranças da sua infância (duas décadas após a abolição) até quase os dias atuais. O autor evidencia todo o processo de branqueamento que os dirigentes do país conceberam (incentivo à imigração de europeus, mestiçagem, etc), assim como o desamparo total quanto à saúde, educação, moradia e trabalho, a falta de condições de sobrevivência para os afro-brasileiros. Denuncia o tratamento dado pelo Brasil aos países do continente africano com relações nada diplomáticas, a exemplo das nações que estavam ainda em processo de libertação do domínio colonial onde o Brasil não reconhecia os processos de independência desses países ou se omitia a cada reunião da ONU. Demonstrou o quadro de penúria que os descendentes de africanos vivenciaram e, em muitos casos, continuam vivenciando, não sem sempre exaltar a importância desse povo para a economia do país, pois simplesmente por todos os ciclos econômicos que o país teve, estava lá presente a mão de obra negra.

O texto denominado *Quilombismo*, que no livro é apresentado como Documento 7, foi apresentado originalmente no 2.º Congresso de Cultura Negra das Américas, ocorrido no Panamá no ano de 1980. Inicia pontuando a memória africana, a necessidade de recuperá-la, em função da sua negação, das tentativas do seu apagamento e da sua depreciação. O autor escreveu, na ocasião, que a memória negro-africana “tem sido agredida sistematicamente pela estrutura de poder e dominação há quase 500 anos” e que esta tem sido “vítima, quando não de graves distorções, da mais crassa negação do seu passado histórico” (NASCIMENTO, A., 2002, p.327). Abdias Nascimento argumenta que:

[...] Em nosso país, a elite dominante sempre desenvolveu esforços para evitar ou impedir que o negro brasileiro, após a chamada abolição, pudesse assumir suas raízes étnicas, históricas e culturais, desta forma seccionando-o do seu tronco familiar africano. [...] e as classes dominantes enfatizam sua intenção e ação no sentido de arrancar da mente e do coração dos descendentes escri-

vos a imagem da África com uma lembrança positiva de nação, de pátria, de terra nativa (NASCIMENTO, A., 2002, p.327-328).

O quilombismo traz essa proposta de resgate da memória negra, dessa conexão com as nossas histórias, por ter o propósito, inspirado no pan-africanismo, da centralidade do negro, da afrocentricidade, a oposição do que nos foi imposto nestas terras, desde o sequestro dos ancestrais, e com pouca alteração até os dias de hoje.

A historiadora Beatriz Nascimento (2018; 2021) em seus estudos dedicados aos quilombos, rompe com o que é afirmado à época pela historiografia dominante, onde se definia que o quilombo era simples espaço de escravos fugidos. A autora evidencia o caráter desse evento como espaço de organização e como este se constitui como “impulsor ideológico na tentativa de afirmação racial e cultural do grupo negro” (NASCIMENTO, B., 2021, p.109). Beatriz conceitua o quilombo como o local onde o negro se unifica, tem a agência, empreende. Ela retoma o significado africano de quilombo: união. A convergência que foi desenvolvida pelos negros em solo brasileiro depois que o colonialismo lhes impôs a desagregação. A autora afirma que toda a vez que tiver a reunião dos negros com um propósito, ocorrerá a repetição do que em essência acontecia nos quilombos.

[...] qualquer agrupamento que a gente faça, qualquer relação que a gente tenha entre si, cada vez a gente está repetindo a forma de resistência cultural e racial e a possibilidade de criarmos, realmente, uma sociedade paralela, mas atuante dentro dessa sociedade global que tanto nos oprimiu. Então, nesse momento, todo o trabalho que toda a... vamos dizer assim a utilização do termo quilombo passa a ter uma conotação basicamente ideológica, basicamente doutrinária, no sentido de agregação, no sentido de comunidade, sentido de luta como se reconhecendo homens, como se reconhecendo pessoas que realmente devem lutar por melhores condições de vida, porque merecem essas melhores condições de vida na medida em que fazem parte dessa sociedade. (NASCIMENTO, B., 2018, p.131-132).

Com base no modelo associativo e comunitário dos quilombos e tendo a perspectiva afro-brasileira como centro, Abdias Nascimento propõe o Quilombismo como forma de resistência e reinvenção da experiência negra em solo brasileiro. Em sua perspectiva, Quilombismo é um “movimento político dos negros brasileiros, objetivando a implantação de um Estado Nacional Quilombista, inspirado no modelo da República

dos Palmares, no século XVI, e em outros quilombos que existiram e existem no país” (NASCIMENTO, A., 2002, p.369).

Abdias define o quilombismo como um instrumento de luta antirracista, mas para além disso, também uma proposta de organização político-social do país, construída com base em nossa própria experiência histórica que pode oferecer aos afrodescendentes de todas as Américas um instrumento de conscientização e organização. Elenco aqui alguns dos princípios citados pelo autor: o igualitarismo; o antirracismo, o anticapitalismo, o anti-latifundiarismo, o anti-imperialismo e o anti-neocolonialismo; a economia comunitário-cooperativista, a terra como propriedade de uso coletivo; preocupação prioritária com a criança negra; currículo escolar em todos os níveis de ensino que contemple a história e cultura da África; as artes como elemento importante na composição dos sistemas educativos; tratamento igual a todas religiões e respeito a seus cultos; a destinação (por imperativo constitucional) de metade dos cargos às mulheres, tanto do alto escalão quanto das instituições públicas; respeito e comprometimento com a preservação ambiental, com formas de melhoramento para assegurar uma vida saudável a “todas as manifestações da natureza” (NASCIMENTO, A., 2002, p.307).

O Cyber (Digital em Rede)

A cibercultura, conforme Souza (2015) foi definida por Pierre Lévy “como o conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (SOUZA, 2015, online), ou seja, a cultura que foi incorporada aos nossos modos de agir, a partir dessa movimentação no espaço digital. Imersos que estamos, cada vez mais, não a totalidade, mas a um bom contingente de indivíduos das sociedades de diversos territórios nesta terceira década do século XXI, firmo o olhar e ponho em evidência o movimento preto que está ocorrendo há um certo tempo dentro dos espaços digitais.

Através das mídias sociais digitais há a possibilidade de disseminação de conteúdos e de interlocuções, uma vez que a direcionalidade do que é comunicado diverge do que se tinha antes do advento das novas tecnologias de informação e comunicação. Diferentemente da grande mídia (mídia de massa), onde um transmite e muitos recebem, as novas mídias, caracterizadas pela horizontalidade, possibilitam a comunicação de muitos para muitos, de forma que as “verdades” podem

ser contestadas através de um comentário em resposta ao que foi originalmente postado e toda essa interlocução publicizada na plataforma onde a comunicação está acontecendo.

As mídias sociais digitais trazem a possibilidade de, em função do seu alcance majorado a partir das comunicações possibilitadas pela internet, articular e promover escritas outras, articulações, junções, aquilombamentos, reconhecimentos, encontrar ou criar locais que têm como finalidade o compartilhamento dos saberes, cultura, experiências, além de configurarem-se em espaço onde se articulam estratégias para enfrentamento aos diferentes modos de racismo cotidiano. Como mídias sociais digitais podemos elencar as plataformas que possibilitam a publicação de informações textuais, imagéticas, de vídeo, animações presentes na internet tais como Instagram, Twitter, Facebook, TikTok, YouTube, Blogger, entre muitas outras. O que Ana Alakija (2012) vai definir em seus escritos como “afromídias ou mídias afros”: canais de expressão e visibilidade de e para um público segmentado (o público afro) que tem confrontado com a mídia convencional e dominante (ALAKIJA, 2012, p.140). Exemplos de ciberativismo.

João Caribé (2010) conceitua o ciberativismo como “o uso da comunicação em rede em prol de uma causa, seja política, social ou ecológica. É exercer a comunicação em rede para exercer o seu ativismo” (CARIBÉ, 2010, online). Neste viés, o Ciberquilombismo traz táticas de ciberativismo para o enfrentamento aos racismos que a sociedade nos apresenta, pois como já definido acima ele se constitui nos espaços de organização negra, no ambiente digital em rede de afirmação, de (re) existência, resistência, denúncia, articulações das demandas do povo negro.

Sendo assim, apresento nesta escrita o Ciberquilombismo como sinônimo do movimento digital de aquilombamento que acontece atualmente pulverizado nos diferentes espaços da internet, como potência da junção das pessoas pretas para tratar dos assuntos pertinentes ao ser e estar no mundo, resgatar e difundir a memória, as estratégias de resistência, os saberes, a organização e pautar demandas específicas que necessitam ser tratadas por uma sociedade que não convive com o povo afro-brasileiro com a decência que deveria.

Ciberquilombismo

Desde a invasão europeia que massacrou indígenas e escravizou africanos sequestrados daquele continente, o racismo vem estrutu-

rando os modos de acúmulo de bens e riquezas no Brasil (GONZALEZ; HASENBALG, 1982; NASCIMENTO, 2002; ALMEIDA, 2019). Ainda em 2022 as populações negra e indígena não estão representadas de forma proporcional nos diferentes espaços de poder, sociais e econômicos e na sociedade brasileira. À população negra e indígena é obstaculizada a mobilidade social.

O Ciberquilombismo se faz importante para que o combate ao racismo também se dê nos espaços digitais, buscando uma sociedade mais igualitária, onde a democracia racial não seja apenas um mito. Identifico, nos ciberquilombos locais de preservação da memória negra, assim como a pesquisadora Jéssica Mara Raul (2019) descreve na atuação das ciberativistas negras, como o ciberespaço se presta ao papel de “ferramenta antirracista e canal de produção e reprodução de memórias negras, que se configuram em práticas educativas racializadas nas redes sociais” (RAUL, 2019, p.171).

Outras diferentes formas de atuação nos espaços digitais, em diferentes plataformas, podem ser encontradas disseminadas pelas redes. Cito exemplos que vão desde o questionamento ao que está sendo veiculado na mídia de massa, caso de “Nos Tempos do Imperador” (novela exibida pela rede Globo no Brasil, no período de 9 de agosto de 2021 a 4 de fevereiro de 2022), passando por redes de compartilhamento de histórias, reconhecimento, parcerias de estudos, aprendizado da tecnologia, trocas de saberes do sagrado das religiões, redes de acolhimento, estética negra, petições online, arrecadação de quantia para o desenvolvimento de algum projeto, chegando até articulações para protesto quanto à violência, como no caso das manifestações contra a rede de hipermercados Carrefour quando do assassinato de um homem negro em Porto Alegre, em novembro de 2020.

Aplicabilidades do Ciberquilombismo: Questionamento da Mídia de Massa

O influencer digital AD Júnior publicou em seu perfil no Instagram, em 24 de agosto de 2021, imagens da cena de um diálogo ocorrido na novela da rede Globo de televisão, “Nos Tempos do Imperador” (2021) na qual os autores da novela exibem uma história romantizada pelos brancos, distorcida da realidade e que nunca se passaria em nossa sociedade porque o negro numa relação de poder, não é o dominante nem hoje muito menos àquela época. Na trama há um casal interracial (mulher branca e homem negro); em determinada cena a mulher

branca foi impedida de morar num local (que realmente existiu) onde, na novela, só moravam negros. O diálogo que se passa é do personagem Samuel (homem negro) discordando desse impedimento, segue a transcrição da fala de Samuel em diálogo com a personagem branca, alvo de seu amor: [Só porque você é branca não pode morar na Pequena África? Como queremos ter os mesmos direitos de igualdade se fazemos com os brancos as mesmas coisas que eles fazem com a gente?]

No texto publicado juntamente com as imagens no perfil @adjunior_real, o influencer AD Junior expressa uma informação válida baseada no que se tem de evidência histórica do que aconteceu com a população africana e afrodescendente neste país, história por muitas vezes ocultada nos currículos escolares e negada ou distorcida na grande mídia, especificamente em produções da dramaturgia que adentram aos lares das famílias brasileiras. Ele denuncia que cenas como a que foi veiculada “viram verdades para pessoas desinformadas sobre o período da escravidão.” Segue discorrendo sobre o absurdo da cena: a impossibilidade que pessoas negras teriam para segregar brancos porque não eram considerados nem gente. A postagem de AD Júnior teve em três dias de publicação 20.392 curtidas e 1.738 comentários.

Mas gente quem pensou essa cena? ❌

• São cenas como essa que viram verdades para pessoas desinformadas sobre o período da escravidão.

• Pessoas negras nem eram consideradas seres humanos e nem poderiam de fato segregar pessoas. Sem poder. Os brancos poderiam morar até lá no centro da pequena África se quisessem. Eles são e eram DONOS de Tudo... Pessoas negras viviam em regime de exceção. Um homem preto sentado num banco de uma praça com uma mulher branca, seria um ET que está visitando a sua namorada em marte... primeiro pq pessoas negras não podiam „vadiar“ ou seja, andar sem destino e sentar no banco da praça!

• No Brasil ainda em algumas cidades históricas é possível visitar as ruas de trás e até no Rio de Janeiro pessoas negras não podiam andar em algumas ruas, haviam as ruelas por trás, as vielas, onde essas pessoas poderiam andar... na reforma de Pereira Passos por exemplo em algumas ruas havia até código de vestimenta. Ok? Imagina sentar na praça de mãos dadas

• O conceito de direitos igualitários nem se discutia do ponto da

humanidade. Entenda: Negros não eram seres humanos.

A fala de um homem negro no período da escravidão dessa forma seria tão bizarra que chega a assustar quem assiste uma cena dessas. Quem foi o ser que escreveu esse texto?!

Aplicar o conceito de racismo reverso numa fala é muito perigoso e essa cena vai morar na cabeça de milhares de pessoas. Um desserviço total

Lembrando também que relações interracialis de forma explícita naquela época eram raros, uma vez que o conceito de relações entre negros e qualquer outros grupo étnico eram mal visto pela sociedade - durante o período escravagista. O conceito ou a „quase“ permissão para esse tipo de relação só vai acontecer na primeira metade do século 20

No Brasil casamentos interracialis são minoria segundo dados do IBGE e nos Estados Unidos, somente em 1968 casamentos entre negros e brancos passaram a ser permitidos.

(SANTOS JÚNIOR, 2021, online).



Figura 1: Postagem do perfil de AD Junior em 24 de agosto. Fonte: Instagram.



Figura 2: Postagem do perfil de AD Junior em 24 de agosto. Fonte: Instagram

A contribuição de AD Júnior está em trazer à tona trechos da cena da novela de época que evidencia elementos que não condizem com a história e provoca uma discussão paralela à trama, informa o descabido da história contada mais uma vez da perspectiva branca e tem um efeito de contradizer e ainda provocar desculpas públicas de uma das autoras que anuncia, em outro espaço de mídia, a coluna online da Folha de São Paulo, que a novela terá cortada cenas para evitar equívocos como esse.

A repercussão do que foi publicado pelo público negro e algumas pessoas brancas foi de concordância com o a postagem feita por AD Júnior e expressando críticas aos autores da novela, estarecimento, cansaço de ter que lidar com fatos como esses, presentes ainda na mídia. No quadro a seguir, selecionei aleatoriamente quatorze dos 1.038 comentários dos visualizadores da postagem bem como o número de curtidas (reações dos leitores de comentários no Instagram) fizeram a eles:

Comentários	Número de Curtidas	Número de respostas
Genteeee...realmente fica difícil!	788	12
bastante vergonha	471	1
Sério, mano???	85	1
Não tem boa vontade alguma, é manutenção de privilégios.	1	0
A Rede Globo brinca de racismo reverso e ninguém processa? COMO FAZ????	0	0
ah mano... não acertam uma...? mariari-taoficial (cantora, branca)	395	3
“Não temos roteiristas e diretores pretos.”, Globo, Rede, Agosto de 2021, Bra-zeel.... sabrinafdalgoo (diretora de cinema, negra)	414	10
Sentado tranquilamente, ainda de perna cruzada só pode ser uma piada mesmo! mrpingobrasil (músico e produtor, negro)	120	0
Inacreditável. Nos tempos do impera-DOR dadacoelho (atriz)	109	0
Puxadíssimo... no mínimo! eliferreiraoficial (atriz, negra)	54	0
Bola fora total! Uma cena que marca e deseduca. Lamentável lapena (ator, negro)	150	0

Uma cena bizarra que nem de longe traduz o que viviam pessoas negras naquela época. É como você disse “não eram humanos”, eram propriedade tal qual qualquer objetivo ou animal. Sinceramente desserviço total! onaruda2	73	0
Tem coisa que já cansou... corapersonalorganizer	17	0
Que desserviço essa cena, que vergonha! oadalbertoneto	48	1

Quadro 1: Comentários da postagem de AD Junior de 24 de agosto no Instagram. Fonte: a autora.

As mídias digitais, que, reapropriadas como espaço de protesto, têm a potencialidade de contestar as ditas “verdades” que são veiculadas na mídia de massa¹ e, com uma certa instantaneidade, alterar o curso das coisas, como visto neste exemplo. Os autores da novela, brancos, são Thereza Falcão e Alessandro Marson. Num comentário em resposta à postagem de AD Júnior, a autora se desculpa e justifica que a novela foi gravada em 2018. Essa resposta causa ainda mais indignação aos demais comentaristas que já tinham manifestado-se criticamente à cena.

< [zapping - cristina padiglione](#)

Acusada de racismo, 'Nos Tempos do Imperador' pode sofrer cortes na edição

Autora se desculpou por cena que sugeriu racismo reverso

Figura 3: Manchete da coluna de Cristina Padiglione da Folha de São Paulo no dia 24 de agosto – Fonte: site da Folha de São Paulo

¹ Mídia de massa pode ser caracterizada como aquela onde a circulação do conteúdo ocorre de UM emissor para MUITOS emissores.



therezafalcao @adjunior_real

Foi péssimo. Pedimos muitas desculpas. Eu mesma quando vi a cena aqui em casa, falei: o que foi isso? Todos os capítulos que vão ao ar até o 24 foram escritos em 2018, gravados na ampla maioria em 2019. Na época não contávamos com uma assessoria especializada, o que só aconteceu no ano passado, com a entrada do Nei Lopes. Hoje assisto à muitas cenas com uma sensação muito longinqua. Mais uma vez pedimos desculpas por cometer um erro grosseiro como esse.

10 h 📌 Fixado 588 curtidas Responder

Figura 4: Comentário da autora da novela Theresa Falcão em resposta à postagem de AD Júnior

Evento semelhante no que diz respeito a espalhar uma história do negro que não verídica, estereotipada pelo olhar branco, que faz o que bem entende em relação ao que considera inferior. Conforme ocorreu em 1976 quando Cacá Diegues, no filme *Xica da Silva*, retrata a mulher negra com a estereotipia da docilidade, passividade, incapacidade intelectual e dependente do branco para pensar, críticas estas feitas pela historiadora Beatriz Nascimento. Naquele momento o autor não retificou a peça cinematográfica, porém em uma outra produção sua, passados alguns anos, solicitou a consultoria de Beatriz na produção do filme *Quilombo* (RATTS, 2006).

Levando em conta o que nos informa Maria Aparecida Moura (2019), a saber, que o “o século XXI tem sido marcado pelo incisivo desvelamento do privilégio branco e da estrutura semiótica a ele associada para a manutenção do poder e da opressão” (MOURA, 2019, p.53), compreendo que o Ciberquilombismo nos junta, informa, reverbera a nossa escrita e potencializa a nossa memória não nos deixando mais à deriva com a narrativa de nos objetificar e contar a história da maneira branca. E o perfil do influenciador AD Júnior serviu como um espaço ciberquilombista na medida que ao fazer essa denúncia promoveu a interlocução, a reflexão e a manifestação desse coletivo negro e de outras etnias sobre essa distorção do passado histórico contado mais uma vez pela ótica branca dominante.

Aplicabilidades do Ciberquilombismo: Reflexão sobre ataques à população negra

Trago para esta escrita outro exemplo de aplicabilidade do Ciberquilombismo de uma postagem do perfil no Facebook do Geledés - Instituto da Mulher Negra. O Geledés é uma organização política de mulheres negras, foi fundada em 30 de abril de 1988, “tem por missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras” (GELEDÉS, s.d., online), e possui presença nos diferentes espaços da internet, além do Facebook, possui perfis no Instagram e Twitter que apontam para o conteúdo de sua página, o Portal Geledés. No portal os assuntos são organizados por categorias, e é possível que qualquer pessoa envie seu artigo para o mesmo tendo relação com a temática abordada e esse texto passa pela aprovação da equipe que gerencia o conteúdo. O perfil da instituição no Facebook, em janeiro de 2022, contava com mais de 630 mil curtidas.

Em agosto de 2021 foi publicado pelo perfil Geledés no Facebook o link para o texto “A humilhação como tecnologia de controle da população negra”², enviado pela doutora em sociologia Fabiane Albuquerque. Nele a autora discorre sobre como os processos de humilhação fazem com que corpos negros acabem perdendo a capacidade de reação por vivenciarem isso cotidianamente.

Ao longo da vida, negros e negras passam por um processo de humilhação tão grande e constante que isso os desvitaliza de tal forma que muitos, assim como os imigrantes, tornam-se, não somente dóceis e conformados, mas perdem a capacidade de reagir devido ao cansaço físico e emocional que provoca feridas profundas na psiquê, quando não, doenças derivadas desse tipo de tratamento: hipertensão, problemas de pele, depressão, ansiedade, síndrome do pânico, problemas cardíacos ou distúrbios alimentares. A humilhação equivale ao rebaixamento, à diminuição da pessoa e do seu valor no mundo e quando ela é um projeto de sociedade, tem a função de reduzir a pessoa ou grupo humilhado até fazê-la desaparecer, material ou simbolicamente. Isso se dá através das instituições sociais e de seus agentes. Corpos negros experimentam, desde o nascimento, uma carga de violência inimaginável que, com o passar dos anos, essa violência deixa de ser vista como algo anômalo para ser vista como natural,

² Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-humilhacao-como-tecnologia-de-controle-da-populacao-negra>

como parte da vida de uma pessoa negra. [...] Corpos humilhados, quando se rebelam contra o sistema, são humilhados em dose dupla, para que se calem e aprendam a estar no “seu lugar”. (ALBUQUERQUE, 2021, online)

A publicação recebeu 1,3 mil reações (entre curtidas e comentários). Dentre os comentários, cinco discordaram do que a autora trazia no texto, um comentário foi apenas marcando uma pessoa naquele texto e um desqualificando a autora do texto. Não é possível saber se todos os comentaristas leram o texto no portal ou se basearam suas escritas apenas no título e na figura que ilustra a postagem.

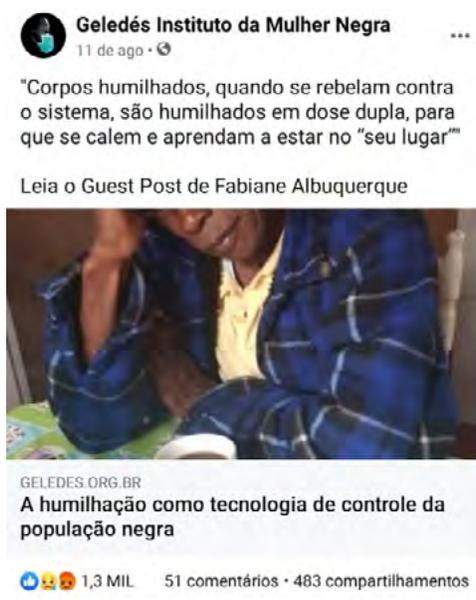


Figura 5: Captura de tela da postagem do perfil Geledés, 11/08/2021. Fonte: Facebook

O acesso a textos que permitem a reflexão sobre a posição da população negra na sociedade, as barreiras que persistem e a possibilidade de debater sobre essas e outras questões que são pertinentes ao nosso modo de estar no mundo nos trazem potencialidade para que se pense em formas de organização nossa e melhora, seja pautando coletivamente, seja no modo somente de denúncia, de encaminhamento das nossas demandas a entidades com poder decisório.

Destaco ainda como relevante neste contexto digital a presença de youtubers, principalmente as mulheres, sejam as que publicam vídeos tutoriais relacionados à questão da autoestima estética negra e, nesse

caso, há grande ocorrência de canais dedicados ao cabelo, quanto as que vão falar de outros conteúdos relacionados ao público negro, seja o compartilhamento de histórias de vida, ou assuntos que focalizam nossas experiências, a história não ensinada na escola.

A visibilidade proporcionada pelas redes sociais torna-se importante na medida em que proporciona a contestação, ainda que virtual, e viabiliza muitas formas de fazer denúncia de temas ignorados ou tratados como problemas particulares de um grupo expressando, ao mesmo tempo, a constituição de um problema da sociedade brasileira. Os youtubers negros, nesse contexto, tornam-se agentes de muitas denúncias ao terem não só espaço de diálogo por meio dos vídeos, mas de possuírem a oportunidade de compartilhar e problematizar o conteúdo reproduzido pelos mesmos. (CUTRIM, 2018, p.14)

Considerações Finais

Neste capítulo procurei evidenciar a relação da cibercultura e os princípios do quilombismo de Abdias Nascimento. Para isso trouxe elementos do quilombismo, dos quilombos e tento traçar um paralelo com essa movimentação que acontece nos espaços digitais que são agrupamentos de negros para reivindicar a evidência de suas memórias, saberes, experiências, agência, acolhimento e formas de resistência, além das articulações para o enfrentamento do racismo que se faz latente ainda nos dias de hoje em nossa sociedade.

Através da internet com sua capilaridade e abrangência, é possível ter informação e criar informação para espalhar pelo mundo e conseguir enfrentar esse mundo tão hostil que traz vivo o passado colonial e escravocrata. Os exemplos trazidos envolvem o perfil de uma figura pública que trouxe uma discussão que contesta a narrativa da supremacia branca e como ela sempre contou a história, então através dos comentários do público aquela postagem teve a dimensão quilombista performada no espaço digital. O segundo exemplo analisado é de um perfil de uma instituição que recebe textos de diferentes pessoas e que tem esse propósito de dar visibilidade a discussões que provoquem reflexões e manifestações.

O Ciberquilombismo tem essa potência de juntar (aqueles que têm acesso) no espaço digital para gerar discussão, aprendizagem, articulação, projetos coletivos, contestação, comunicação, resgate da memória afro-brasileira e africana (aquela que nos foi ocultada).

Referências Bibliográficas:

ALAKIJA, Ana. **Mídia e identidade negra**. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (org.). *Mídia e Racismo*. Brasília: Petrópolis, 2012. Cap. 4. p. 108-151. (Negras e Negros: pesquisas e debates).

ALBUQUERQUE, Fabiane. **A humilhação como tecnologia de controle da população negra**. 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-humilhacao-como-tecnologia-de-controle-da-populacao-negra/>. Acesso em: 06 set. 2021.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 256 p. (Feminismos Plurais).

CARIBÉ, João. **O que é ciberativismo?** 2010. Nós da Comunicação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VUEHTuHXuTU>. Acesso em: 26 ago. 2021.

CUTRIM, Evelucia. **NEGRITUDE NA TELA: manifestações da luta antirracista no youtube brasil**. 2018. 68 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais - Bacharelado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

GELEDÉS - INSTITUTO DA MULHER NEGRA (São Paulo). **A humilhação como tecnologia de controle da população negra**. 11 ago. 2021. Facebook: Geledés Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes/posts/10158043635811816>. Acesso em: 06 set. 2021.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. 115 p.

MOURA, Maria Aparecida. **Semioses decoloniais: afrofuturismo, performance e o colapso do privilégio branco**. In: CORRÊA, Laura Guimarães et al (org.). *Vozes Negras em Comunicação: mídia, racismos, resistências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 53-73.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 2. ed. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Palmares/or Editor Produtor, 2002. 362 p.

NASCIMENTO, M. S. **O USO DO WHATSAPP NA TRANSMISSÃO DO SABER RELIGIOSO DO AXÉ OJO L'ONIN**. Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade, v. 1, n. 2, p. 390-396, 19 jun. 2020.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Historiografia do Quilombo**. 1977. In: Beatriz Nascimento, **Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição**. Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana: Editora filhos da África, 2018.

Nos Tempos do Imperador. Direção: João Paulo Jabur. Autores: Thereza Falcão e Alessandro Marson. Produção de Claudio Dager. Local Rio de Janeiro – Brasil: TV Globo, 2021, TV aberta.

PAZ, Tatiana Santos da. **Ativismo Em Rede E Processos Formativos Decoloniais Articulados Por Mulheres Negras No Youtube**. 2019. 205 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Tecnologias Digitais na Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. 138 p.

RAUL, Jessica Mara. **Entre Silêncios E Protestos: Uma Reflexão Sobre Escrita Preta No Ciberespaço**. Revista Docência e Cibercultura, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p.166-194, 31 dez. 2019. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/redoc.2019.44955>.

SANTOS JÚNIOR, Adilson dos. **@adjunior_real**. 24 ago. 2021. Instagram: @adjunior_real. Disponível em: https://www.instagram.com/adjunior_real/?hl=pt-br. Acesso em: 24 ago. 2021.

SOUZA, Gustavo. **Pensando o ciberespaço e a cibercultura**. 2015. Disponível em: <http://www.ead.unimontes.br/nasala/pensando-ciberespaco/>. Acesso em: 20 ago. 2021.